



Solenidade da Epifania do Senhor (Ano C)

O texto – Mt 2,1-12

- ¹ Tendo Jesus nascido em Belém da Judeia, no tempo do *rei Herodes*,
² chegaram a *Jerusalém* uns magos do Oriente,
perguntando:
«Onde está o rei dos judeus recém-nascido?
VIMOS A SUA ESTRELA NO ORIENTE e viemos *adorá-lo*».
- ³ Ouvindo isto, o *rei Herodes* perturbou-se
e toda a *Jerusalém* com ele.
- ⁴ E, reunindo todos os sumos-sacerdotes e escribas do povo,
perguntou-lhes onde devia nascer o Messias.
- ⁵ Eles responderam:
«Em Belém da Judeia, pois assim foi escrito pelo profeta:
- ⁶ *E tu, Belém, terra de Judá,*
de modo algum és a menor entre
as principais cidades da Judeia;
porque de ti sairá um que será o guia
que há-de apascentar Israel, meu povo». (Mq 5,1)
- ⁷ Então *Herodes* mandou chamar secretamente os magos
e pediu-lhes informações exactas
sobre o tempo em que a ESTRELA lhes tinha aparecido.
- ⁸ E, enviando-os a Belém, disse-lhes:
«Ide e informai-vos cuidadosamente acerca do menino;
e, depois de o encontrardes, avisai-me para eu ir também *adorá-lo*».
- ⁹ Depois de ter ouvido o rei, os magos puseram-se a caminho.
- E a ESTRELA QUE TINHAM VISTO NO ORIENTE ia adiante deles,
até que parou sobre o lugar em que estava o menino.
- ¹⁰ Ao ver a ESTRELA, sentiram imensa alegria;
- ¹¹ e, entrando na casa, viram o menino com Maria, sua mãe.
Prostrando-se, *adoraram-no*;
e, abrindo os cofres, ofereceram-lhe presentes: *ouro, incenso e mirra*.
- ¹² Avisados em sonhos para não voltarem junto de *Herodes*,
regressaram ao seu país por outro caminho.

Breve comentário

O Evangelho de Mateus, escrito originariamente para uma comunidade judeo-cristã e em polémica com a sinagoga, põe a claro logo desde o início que o acolhimento de Jesus por parte dos seus não foi nada triunfal, pelo contrário, encontrou hostilidade ou indiferença. A nota negativa inicial acentua-se no decurso do evangelho, anunciando-se que «os filhos do reino serão lançados fora nas trevas» (Mt 8,12); filhos degenerados, presentes simbolicamente na parábola dos vinhateiros homicidas (cf. Mt 21,33-44) e realisticamente quando «todos eles responderam: seja crucificado» (Mt 27,22).

Admira, à primeira vista, a presença de magos, referidos com toda a naturalidade, quando em toda a Sagrada Escritura eles são condenados. A nossa narração não tem nada de condenação: é sobretudo um delicadíssimo canto à Providência que guia os Magos ao encontro de Cristo. São as primícias da futura profecia de Jesus: «Eu digo-vos que muitos virão do oriente e do ocidente e se sentarão à mesa com Abraão, Isaac e Jacob no reino dos céus» (Mt 8,11) e penhor da futura missão da Igreja: «Ide e ensinai todas as nações, baptizando-as...» (Mt 28,19). A sua viagem, os seus dons, a sua atitude são expressões daquela prostração-adoração que, como trama unificadora, serve à teologia de Mateus para mostrar como Cristo deve ser procurado e por quem ele se deixa encontrar.

A estrela que guia os magos é muito peculiar: aparece, desaparece, anda, pára, move-se de norte para sul e não de este para oeste como as outras. É na Sagrada Escritura que vamos encontrar este astro preanunciado pelo profeta Balaão (Nm 24,17.19) referindo-se à «estrela que se ergue de Jacob e ao ceptro que se ergue de Israel». Jesus é a Estrela que conduz até Ele, a verdadeira Luz que ilumina todos e cada um dos homens.

O texto tem o seu centro ideal e teológico em Cristo. Ele é apresentado como o verdadeiro Rei que merece ser procurado e adorado. A Ele vêm pessoas de longe, guiadas pela luz da estrela e pelas Escrituras. Jesus é uma criança, não diz uma palavra e, no entanto, a sua existência divide os homens. Sinistros indícios atravessam a perícopa, seja na intenção persecutória de Herodes que acabará em tragédia, seja na irresponsável atitude das pessoas de Jerusalém, a começar pelos sumos-sacerdotes e escribas do povo. A morte do Messias, com a qual culminará a rejeição de Jerusalém, lança a sua sombra nesta recusa inicial. Maldade e irresponsabilidade invocam renovação e redenção. O menino está ali para isso. É necessário sabê-lo reconhecer.

Com este objectivo Mateus ajuda o leitor com a citação bíblica (Mq 5,1) e com a figura dos Magos. Com a citação preanuncia-se a vinda do mais ilustre descendente de David que cuidará do seu povo, fazendo sua a actividade própria de Deus (cf. Ez 34). A adoração dos Magos remete o leitor para a grandeza de Cristo, filho de David, Filho de Deus e Emanuel. Assim a perícopa serve o interesse cristológico de todo o Mt 1–2.

A homenagem dos Magos ao rei menino é a correcta resposta humana ao Emanuel, Deus conosco. O c. 1, apresentando a genealogia e o nascimento, ficava no mundo judaico. Com a presente perícopa que abre o c. 2, o mundo passa a compreender todos os povos. O episódio dos Magos pode ser lido como uma grande profecia: oferece indícios duma «escatologia inaugurada» enquanto se declara já iniciada a peregrinação dos povos anunciada por Is 60 e pelo Sl 72. A nova comunidade é a Igreja sem fronteiras que se deixa guiar pelos sinais e pelas palavras proféticas ao encontro do seu Senhor.

P. Franclim Pacheco
Diocese de Aveiro